


O poema vai
à praia e
chove



Ana Rüsche

SESC | Arte da Palavra 2019
Santa Catarina
www.anarusche.com

O poema perfeito

um pequeno infinito.

o grande conforto de
não se ter um fim.



notícias interplanetárias

há um outro planeta vermelho no sistema solar,
tua falta é o eclipse de meu mundo,
parece que houve vida em marte.



pequenas alegrias

a araponga martelava o sol a pino
o chorão plantado triste na curva da rua
meu pai me contava sobre os planetas



o amor e o uso dos pronomes

meu amor me presenteia com flores esquecidas na rua
meu amor tem pesadelos para que eu durma quentinha
meu amor é um urso com a pelúcia por dentro

meu amor é meu
: porque essa língua é surda
nos enrosca e troça
e só pensa nos possessivos.



testemunha n. 3

sou é a menina cor-de-rosa e passo hipoglós no nariz
quando não chove, marca de tribo selvagem, uns surfistas.
a menina-cor-de-rosa usa um chapéu tão grande
e fica lendo gibi na cadeira, morre de medo
dos meninos bonitos, com hipoglós tem medo,
que eles a olham muito. eles enxergam através
dela, como se fosse uma água-viva em água muito limpa,
as paredes de seu corpo translúcido e transparente,
eles nunca a enxergam.

mesmo com aquele chapéu tão grande
como quem volta da guerra nas roupas do inimigo.
e a menina cor-de-rosa queria logo o fim
das semanas, o fim do mundo, e se ameaçava nas histórias em quadrinhos.
nos pés sem hipoglós, umas queimaduras, de tanto aos chutes fazer
a areia branca cantar.



testemunha n. 4

a outra-menina, a de olhos amendoados dobra os jornais velhos
vinca o quadrado, suja as unhas de preto e corta bem
em pássaros, sapos que pulam, pulam, pequenas flores
nunca descobriu origami pro sol. as mulheres bonitas
nas propagandas de filtro solar esquentam suas mãos
com a tinta escura.

fez mais um sapo.

faria é um exército de sapos, eram tão silenciosos, tão estampados
de letras, um exército só pra ela. bem grande.

ainda tinha uma pontinha

de medo das princesas que a fitavam sorrindo o filtro solar na pele seca
dos sapos de papel



testemunha n. 3, bis

a menina cor-de-rosa colecionava as folhas imensas
dos chapéus-de-sol. que a turista chama de amendoeira
não sou nenhuma delas, sou todas

no dia seguinte, quando chove muito, toda a rua tem
um monte de riacho, vão se formando entre as pedrinhas do barro
quando a folha cai da árvore, carrega um pôr-do-sol
e elas viram canoas
e pensa nos nomes de cores – ferrugem, lilás e amarelo solitário
os olhos da menina cor-de-rosa ficam vermelhos como as folhas
se distrai fazendo pé de monstro na lama e a noite pesava coração adentro
chove tanto, né? chuta. é sempre assim.

